

Dossier

O mundo árabe no prelúdio da guerra

Karim El-Gawahry

Os regimes árabes estão conformados com a ideia de que a guerra vai acontecer e cooperam, mais ou menos abertamente, com os EUA. Para a maioria, a prioridade já não é evitar a guerra mas sim minimizar os estragos consequentes.

“Uma guerra no Iraque abriria uma caixa de Pandora, cheia de problemas para toda a região”, declarou o Secretário-Geral da Liga Árabe, Amr Mousa, no Dubai, num encontro sobre a economia dos Estados do Golfo. Observação semelhante ouviu-se, igualmente, ao longo das últimas semanas, por parte da maioria dos chefes de Estado árabes. Tanto o presidente egípcio, Hosni Mubarak, como o seu homólogo da Síria, Baschar Assad, o rei Abdullah da Jordânia, ou o príncipe herdeiro saudita, Abdallah, têm vindo a público com o mesmo repto: uma guerra no Iraque desestabilizaria de forma incalculável toda a região e, logo, os seus respectivos Estados. Para não contrariar demasiado os EUA, segue-se muitas vezes a esta conjectura que somente Saddam Hussein poderá, através do cumprimento das resoluções das Nações Unidas, evitar um ataque militar.

Movimentações árabes

A maioria dos Estados do Golfo vizinhos do Iraque colocaram os seus territórios à disposição das tropas americanas. A base mais importante, do ponto de vista estratégico, para as forças terrestres norte-americanas, é o Koweit. Um quarto do país foi já declarado zona militar fechada e mais de 17 mil soldados encontram-se estacionados no pequeno emirado, junto à fronteira iraquiana. Dentro de algumas semanas, deverão encontrar-se na região cerca de 150 mil soldados americanos, grande parte deles no Koweit.

No Bahrain, entretanto, prepara-se para entrar em acção a 5a frota americana, responsável pelo Golfo. É a partir daqui que são coordenados os dois porta-aviões que se encontram na região. Já o pequeno emirado do Qatar voltou a assumir um papel importante com a assinatura de um acordo formal de cooperação militar com os EUA, que permite às tropas americanas a permanência no Golfo durante os próximos 20 anos. Em Novembro, o comando central americano, Centcom, sob o comando do general Tommy Franks, havia testado, pela primeira vez, a sua nova base de comando avançada, designada de “Internal

Look”, situada em Sayliya. No programa estava a guerra virtual ou, como descreve um oficial de alta patente da Centcom, “a afinação do equipamento de comando, comunicação e controlo avançados”. Mais de 750 oficiais e colaboradores da Centcom participaram neste exercício. Quando a guerra começar de facto, as ordens serão transmitidas desde o Qatar até às tropas situadas no Koweit e no quartel-general da frota no Bahrain, em coordenação com o quartel-general na Flórida.

Nos Emirados Árabes Unidos estão igualmente sediadas cerca de 500 pára-quedistas, enquanto no Sul do Golfo, no Sultanato de Oman, cerca de 224 aviões, estacionados na base aérea Al-Seeb, se preparam para entrar em acção. Ainda não é claro se os 10 mil soldados americanos que se encontram na Arábia Saudita entrarão em acção. Para os EUA, o quartel-general aéreo regional, na base Príncipe Sultan, perto de Riad é particularmente importante. Até ao momento, as declarações sauditas têm sido ambíguas. Militares americanos afirmavam, no início de Janeiro, ao New York Times, que haviam obtido “confirmações privadas” para usar as bases militares na Arábia Saudita em caso de guerra contra o Iraque. Segundo essas declarações, ser-lhes-ia permitido aterrar e atestar, nos pontos de apoio militares americanos, aviões de transporte e de reconhecimento. Contudo, os sauditas estariam contra a ideia de que do seu solo descolassem missões de bombardeamento. Ainda assim, os militares americanos encontram-se optimistas. “Eu acredito firmemente que os sauditas cooperarão em todas as áreas necessárias. Até agora só recebi sinais de que teremos tudo o que pretendemos”, dizia o chefe da força aérea, o general John P. Jumper, ao New York Times. Demorou apenas um dia para as que as supostas confirmações fossem desmentidas pela Arábia Saudita. Ainda no passado mês de Dezembro, o ministro dos Negócios Estrangeiros saudita, Saud Al-Faisal, havia excluído categoricamente a possibilidade de os Estados Unidos utilizarem as suas bases militares para uma guerra contra o Iraque. As afirmações contraditórias são explicáveis pelo facto de a casa real continuar hesitante, procurando não contrariar a opinião pública no seu país e no mundo árabe. Em privado, todavia, foram, aparentemente, feitas algumas promessas aos americanos.. Por motivos de segurança, as forças americanas construíram estruturas de comando paralelas no Qatar para, em caso de emergência, não ficarem dependentes da base aérea Príncipe Sultan.

Na Jordânia mantêm-se os rumores de que forças especiais americanas se encontram na fronteira com o Iraque. O Boston Globe noticiou, a 6 de Janeiro, referindo fontes anónimas dos serviços secretos americanos, que mais de 100 elementos das forças

especiais teriam atravessado a fronteira ocidental do Iraque para aí procurar rampas de lançamento de mísseis Scud, que poderiam ser perigosos para Israel. Segundo a agência noticiosa AFP, as forças armadas americanas e a CIA recusam-se a comentar esta notícia, enquanto o governo jordano desmente uma presença contínua de tropas americanas no seu território. Ao Egipto os EUA pedem, sobretudo, a protecção dos navios de guerra que atravessam o canal do Suez, já que o estacionamento de tropas estrangeiras no canal constitui, devido à história colonial egípcia, um tabu. Por esse motivo, o exército americano pediu ao Estado egípcio para reforçar as medidas de segurança no canal. Oficialmente, esse pedido foi recusado, tendo, no entanto, sido concedida aos militares americanos permissão para levar a cabo as suas próprias medidas de segurança, como sobrevoar as margens do canal enquanto aí passam os navios de guerra.

A opinião pública: o factor incalculável

Enquanto os governos árabes procuram organizar-se, são sobretudo as opiniões públicas internas que lhes causam maiores dores de cabeça, uma vez que se manifestam claramente contra a guerra e contra qualquer forma de cooperação com os EUA. Ao contrário da última guerra do Golfo, em 1991, os meios de comunicação social já não se encontram, na sua totalidade, sob controlo estatal. As estações televisivas por satélite árabes, sobretudo, têm vindo a assumir posições críticas quanto à guerra e quanto ao papel dos governos árabes. Também nos jornais se podem ouvir algumas vozes críticas, como no diário saudita Scharq Al-Ausat, onde um comentador exigia aos regimes árabes que não continuassem, por um lado, a criticar a guerra mas, por outro, a hospedar as forças armadas americanas. Semelhante reacção teve também o conhecido colunista egípcio Salama Ahmad Salama que fala de uma “esquizofrenia política árabe” que, “por um lado, exprime a sua preocupação quanto a um ataque militar contra o Iraque e, ao mesmo tempo, devido a razões políticas, económicas e militares, tudo faz para manter boas relações com os EUA”, como escreve no diário egípcio Al-Ahram.

Como reagirá de facto a população árabe se a guerra rebentar é ainda, no entanto, uma incógnita. Alguns comentadores árabes negam a ideia de “perigo de revoltas populares”. “Pensei durante muito tempo no perigo das reacções árabes”, escreve o jornalista egípcio Aschraf Khalil, “e cheguei à conclusão que a força pífida que está a actuar na região é o sofá árabe”. As “ruas árabes” ainda são controladas pelos governos. Os cidadãos árabes enfurecidos, sobre quais os governos dizem não ter controlo, estão, segundo Khalil, em casa, sentados no sofá, convencidos de que não poderão fazer nada. É duvidoso, todavia,

que esta situação se mantenha. Uma coisa é certa, escreve Khalil: “Lá por estarem hoje sentados no sofá não significa que não estejam furiosos. Estão até muito furiosos com o que se passa na região e com o papel que os Estados Unidos têm nisso. Eles vêem os EUA ignorar os avanços de Israel contra os Palestínianos, enquanto preparam, ao mesmo tempo, uma guerra contra o Iraque.”